

Exm^{os} Senhores

Começo por saudar a idealização e a concretização desta iniciativa que, na minha modesta opinião, tem uma dimensão que vai muito para além da discussão e valorização do turismo no grupo Ocidental, unidades geográficas deste nosso arquipélago que encerram um potencial enorme nesta área. Visitar, vivenciar tudo o que as Flores e o Corvo proporcionam é uma experiência singular no, já de si, especial contexto do destino Açores.

Na verdade, a escolha de temas e do rico painel de personalidades que enformam este evento eram, à partida, a garantia de que este encontro seria muito produtivo e enriquecedor para todos nós. Os painéis em que tivemos oportunidade de participar até agora só vêm provar isso mesmo.

No que respeita ao painel para o qual fui convidado a dar a minha modesta colaboração – “Turismo Rural *versus* Alojamento Local” –, começo por dizer que não entendo aquela expressão latina – *versus* –, na sua tradução mais comum que é: algo contra algo ou alguém contra alguém. O que deduzo, naturalmente, é que a ideia da organização foi dar a oportunidade a representantes destas duas tipologias de exporem as potencialidades, características, dificuldades e experiências de cada uma delas.

Por isso, vou centrar esta comunicação na experiência que tenho do turismo rural e de natureza nos Açores, tanto no meu caso pessoal de investidor neste segmento, como no de dirigente da Associação Casas Açorianas, que reúne cerca de meia centena de associados com unidades de turismo rural no arquipélago. Não deixarei, contudo, de abordar a questão do aparecimento recente de novas tipologias turísticas no nosso mercado.

No caso da Quinta do Martelo, que fundei há quase três décadas, a ideia surgiu-me porque era agente de viagens e era confrontado, muitas vezes, por turistas que me perguntavam sobre a possibilidade de alojamento em espaço rural que permitisse o contato com a cultura genuína do povo das ilhas, desde as vivências e envolvências, até à gastronomia tradicional.

Decidi, então, recuperar uma antiga quinta de família e embarcar nessa aventura. Investi todas as minhas economias nesse projeto e beneficiei, posteriormente, de apoios para o complementar. E foi nessa sequência que se estruturaram incentivos públicos para investimentos nesta área.

Começaram, então, a surgir paulatinamente investimentos com estas características e pensei, com mais algumas pessoas ligadas ao ramo, que seria importante criar uma associação que reunisse unidades de todas as

ilhas em que elas existissem, no sentido de criar uma marca forte, baseada na diversidade das nossas ofertas, mas sempre com a preocupação de apresentar aos clientes o que de mais autêntico cada uma tinha para oferecer, consoante a envolvência de cada um, sempre com a preocupação de não deturpar e de não defraudar as expectativas dos clientes, que buscam as experiências verdadeiramente distintas.

Paralelamente, a criação de uma associação que representasse este segmento de turismo, tão importante para a afirmação do destino Açores como algo de especial, permitir-nos-ia ser um parceiro das entidades responsáveis pela política de turismo nos Açores, colaborando ativamente na promoção e qualificação da oferta.

Fundámos, então, a Associação de Turismo em Espaço Rural Casas Açorianas, com o entusiasmo de elementos de várias ilhas e começámos, desde logo, a definir e desenvolver uma estratégia de promoção deste segmento, sempre com o intuito de potenciar a nossa oferta específica e, ao mesmo tempo, servindo de produto-âncora para o crescimento global do turismo nos Açores.

Esse trabalho foi e é reconhecido pelas entidades públicas responsáveis pelo setor e por outras entidades nacionais e internacionais (por exemplo, as Casas Açorianas foram distinguidas com a medalha de Ouro de Mérito Turístico, com o *New Millennium Award* da organização *Trade Leaders' Club & Editorial*, e apontado como um *case study* por diversos órgãos de comunicação social).

Ao longo do tempo de existência da Associação, temos cumprido planos de divulgação/promoção, através de contratos-programa anuais que permitem à Associação esse trabalho de afirmação de notoriedade do destino e, em particular, das unidades nossas associadas, pela visibilidade crescente dos meios de promoção utilizados, desde os mais tradicionais, até, sobretudo, com recurso às novas tecnologias.

Ao nível das regras internas, foi decidido, para garantir a qualidade e autenticidade da oferta que promovemos, que todas as unidades associadas sejam submetidas a um processo de classificação de qualidade, realizado por uma entidade externa à Associação, para assegurar os padrões com que nos comprometemos. E esse trabalho tem sido feito com a boa colaboração de todos os associados.

Em suma, o turismo rural e de natureza nos Açores vem percorrendo um caminho de afirmação progressiva, dentro dos objetivos propostos e num

enquadramento legal bastante apertado, que garantiu e garante ser um produto-charneira na oferta turística açoriana. Acredito, e acreditamos, na associação Casas Açorianas, que esse papel continua a ser fundamental na notoriedade do destino Açores e na atratividade de nichos de mercado muito importantes para revelar o arquipélago como algo verdadeiramente especial.

Posto isto, como referi no início, não me esquivo a abordar a questão das tipologias que recentemente surgiram entre nós. Nem vou fingir ignorar que tenho sido alvo de críticas e comentários mais ou menos inteligentes, mais ou menos provocadores, sobretudo nas redes sociais, a propósito de declarações que tenho prestado à comunicação social quando sou solicitado a emitir opiniões sobre o turismo rural e sobre novas realidades do mercado.

Por isso, se me dão licença, aproveito este fórum para esclarecer, de uma vez por todas, que nada me move contra o alojamento local nem qualquer outra tipologia similar, e muito menos nada move a Associação Casas Açorianas no mesmo sentido.

As minhas declarações, que assumo por inteiro, são sempre no sentido de lutar por condições justas de mercado, sobretudo no que respeita às exigências em diversos níveis que são impostas ao turismo rural, sendo muito mais favoráveis essas exigências para outras tipologias que agora se afirmam no mercado.

Deixando bem claro, quando emito essas opiniões – que mantenho –, não estou a sugerir que sejam aplicadas mais dificuldades às novas tipologias, antes sugiro que o turismo rural e de natureza seja aliviado legalmente de algumas obrigações que, sobretudo no atual panorama da atividade turística na Região, limitam a sua capacidade de concorrência na atual realidade. E nem tem a ver apenas com as chamadas novas tipologias, a própria hotelaria convencional já não tem algumas obrigações que continuam a ser impostas apenas ao Turismo Rural. A obrigatoriedade de incluir o pequeno almoço na tarifa de alojamento é uma delas.

Outro assunto recorrente que me perguntam é sobre se a proliferação súbita de tantas unidades de alojamento e outros serviços, sem experiência ou qualidade, não põem em causa a imagem do destino.

Receio bem que sim e são muitos os exemplos que vão sendo do conhecimento público que confirmam essa realidade, desde alojamentos que não proporcionam aos clientes o que anunciam nos meios eletrónicos

até àquilo a quem já chamou *far-west* nas portas do mar em Ponta Delgada, entulhadas com carrinhas e outras viaturas particulares à caça de clientes dos navios de cruzeiro para tours na ilha, sem qualquer licenciamento.

É neste contexto que registo com agrado o intuito da recém-criada Associação do Alojamento Local dos Açores, aqui representada neste painel pelo seu presidente, de combater os alojamentos ilegais, por serem concorrência desleal e prejudicarem a imagem desta tipologia e do turismo em geral nos Açores. Aplaudo sem reservas, esta postura. É por isso mesmo que me venho debatendo há tanto tempo, apesar das incompreensões.

Aproveito a ocasião para me congratular com o surgimento desta nova Associação e com as preocupações assumidas, que nos são comuns. Acredito plenamente que a Associação de Alojamento Local será um parceiro fundamental na regulação da atividade em que se insere e, conseqüentemente, na credibilização e afirmação dessa tipologia de alojamento entre nós, evitando más imagens e deturpação do mercado que a ninguém beneficia. Qualidade e economia real são as palavras-chave que representam o desafio que essa Associação tem pela frente, penso eu, na minha modesta opinião.

Termino como comecei: não quero equacionar que haja Turismo Rural e de Natureza *versus* Alojamento Local ou *versus* qualquer outra tipologia, mais ou menos convencional. O Turismo Rural e de Natureza tem o seu espaço, tem clientes com características próprias, a hotelaria convencional tem outro modelo, normalmente baseado em grupos grandes e packages pré-definidos, o Alojamento Local trabalha, usualmente, com um público-alvo específico que procura maximizar o investimento nas viagens em todas as componentes que o destino tem para oferecer, desde o transporte, estada, alimentação e fruição de experiências diversas.

Há espaço para todos. Mas a sustentabilidade, a qualidade e a preservação da imagem de um destino que conquistou o seu espaço têm de ser preocupação de todos os 'players'.

Obrigado.

